VITALINO / LAMPIÃO

Texto Completo.

Vitalino: - Arte se não tivesse o pessoal, o povo, vamos dizer o povo em geral, como se diz, não incentivasse, não valorizasse, não aceitasse aquilo, eu acho que não existia arte. Sòmente artista que desse valor à arte eu acho que a arte era morta, não existia.

Cantador: - Eu quero é que Deus me ajude
Pra eu bem encaminhado
Falá sôbre Lampião
E de qual forma foi findado
A origem de seus crimes
Que foi de tudo o culpado.

Narrador: - No princípio era o mito a povoar a consciência de todos. Só depois vem a ação que deve fixar no barro a forma dêsse mito. O barro...

Vitalino: - ... é o massapê; chamam "gingle" e coisa, mas é o massapê, que é o nosso barro de telha. Então o barro é simples, nós cava o barro, molha o barro um pouco, depois de molhado amassa o barro e faz o boneco; é isso sòmente, não tem mistura nenhuma no barro, é barro natural.

Narrador: - No princípio era o artesão, o mestre, com sua tenda, oficiais e aprendizes, guarda da tradição e dos mitos que pertencem a todos. Fora do tempo, desconhecendo as mudanças que se passam em volta, o artesão é hoje um símbolo de pura ação prisioneira do passado.

Vitalino: - Bom, é manual porque fabrico na mão, não tenho fôrma. Agora tenho, como se diz, uns atavios que não posso nem dizer o que é. Eu preciso de uma faquinha nu'é, um palito de pau, uma pena de galinha para fazer diversos serviços, e então a parte principal da peça, o carimbo, que é um carimbo do mesmo barro, feito por mim também; êsse carimbo que continua Vitalino Filho. Quanto a produzir mais não podemos não, pelo seguinte, porque nós fabrica..., o trabalho manual e nós tem que fazer é aquela conta mesmo. Ninguém pode, sabe como é, nós não temos fôrma nem modêlo de trabalhar. Tudo manual. Com fôrma ninguém é artista e todo mundo é artista. Porque a fôrma quem nunca viu um boneco de barro nem sabe o que é, pegando na fôrma e pegando no barro pode fazer; fôrma desenhada, feita vamos di-

zer a cabeça do boneco, forma o corpo e faz as cabeça tudo em fôrma, então é de fabricar 50 e mesmo um cento de bonecos. Quer dizer que aí não é arte, porque é uma fôrma e tudo o que fizer fica igual.

Narrador: - Ato individual, repetido em cada gesto responsável e solitário, arte aqui é sinônimo de agir, de fazer, de dar forma e não de conceber. A concepção do tema é uma tarefa coletiva, obra de todos quando se constroi o mito.

Cantador: - O vaqueiro o cangaceiro
Dos dois eu sei o perfil
São os homens destemidos
No Nordeste do Brasil
O vaqueiro é a cavalo
E o bandido é no fuzil.

Narrador: - Entre a arte individual e a criação coletiva do mito, entre Vitalino e Lampião, cria-se uma relação através da qual a violência trágica de Lampião dá sentido e justifica o ato solitário do artesão.

Cantador: - Quem estava no poder
Para êle não olhou
Deu direito a quem não tinha
E a Lampião desprezou
Eis o motivo porque
Tudo que quiz praticou.

Narrador: - Desta forma o artista popular torna-se intérprete da sociedade tradicional a que pertence, e o produto do seu artesanato reflete não apenas o mito trágico criado pela consciência coletiva, mas o próprio destino trágico de tôda violência gerada pelo Nordeste tradicional.

Vitalino: - E porisso eu achei que nós devia, minha familia, eu com meus irmão, devia continuar aquêle ritmo, aquêle estilo de trabalho de meu pai. Prefiro abandonar a arte do que modificar o trabalho. Quero continuar sempre aquêle ritmo dêle, mostrando o que foi a arte dêle para o mundo, como se diz. Mesmo assim continuasse no estilo de trabalho de meu pai que era a verdadeira cerâmica, o verdadeiro trabalho era aquêle. Êle tinha um dom da natureza que um outro não tem; os outros todos vieram depois dêle, eu considero tudo aluno, discípulo dêle. E o professor dêle foi a natureza mesmo.

Cantador: - E a fôrça pernambucana
Para o sertão foi levada
E essa se aproximou
E da sua pobre morada
Mataro até o pai dêle
De lá não deixaro nada.

Butaro fogo em cercado
E arrombaro o açude
E fêz Lampião porisso
Pois tumá outra atitude
Praticá muitas miseria
E sê em contra a vertude.

Lampião praticou tudo
Que brigou com a policia
Atacou vários fazendeiros
Usou de machaveliça
A matéria acabou-se
E resta sòmente a notícia.

Naturá de Pernambuco
Que em Nazaré nasceu
O Riacho do Navio
Pois é lá o berço seu
Outro iguá a Lampião
Nunca mais apareceu.

Morreu e ficou escrita
A bela propaganda
Se vê em vários folhetos
Seu retrato aonde anda
Com um mosquetão na mão
E com um bizaco de u'a banda.

Mal fazendo a Lampião
Sê morto assassinado
Não foi pelo comandante
Pelo fuzí de um soldado
Para pagá o que fêz
Está hoje em terra tornado.

Vitalino: - O artista trabalho porque tem aceitação, porque o povo gosta, o povo quer, nu'é. Porque se eu trabalhasse para ficar com todo o trabalho meu eu parava; eu não ia trabalhã, pra quê ? Foi êsse o caso que eu falei que a arte não é do artista, é do povo. A situação de venda é péssima, na minha opinião e talvez de mais alguns de meus colegas de arte, porque nós fica mantendo só uma tradição, uma coisa; agora quase sem condições de continuar a arte. Comigo mesmo tem acontecido de eu pegar a feira, como essa feirinha de Caruaru que sempre é a minha feira, de eu não vendê um boneco sequer. Isso aí é uma parte que o artista tem que sentí isso e tomã as providência necessária agora enquanto é tempo, porque depois talvez seja tarde demais.

Narrador: - O artista popular não sabe que já é tarde demais, que seu produto terá cada vez menos lugar no novo mercado. No entanto, sua vida como sua obra são testemunho de uma consciência trágica - que não se entrega.

Cantador: - A vida de Lampião
É bastante conhecida
Assombrou a muita gente
Perdeu da vida a medida
Mas o que fêz Lampião
Tem razões na sua vida.

FIM.